



Recebido em 15/03/2022

Aceito em 18/08/2022

<https://doi.org/10.26512/emtempos.v1i40.42333>

DOSSIÊ

Cidade Baixa em Festa: Análise Histórica de um Bairro Boêmio

Cidade Baixa Partying: Historical Analysis of a Bohemian Neighborhood

Joanna Munhoz Sevaio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO: Este artigo tem como objetivo demonstrar como historicamente a Cidade Baixa, bairro de Porto Alegre/RS, constituiu-se enquanto lugar fundamental da boemia na cidade, passando pelo samba e pelos carnavais dos séculos XIX e XX até chegar ao cenário atual. Primeiramente são abordados os processos de formação e as reformas urbanas que atingiram as dinâmicas do bairro, principalmente os territórios de maioria negra, como a Ilhota e o Areal da Baronesa. Depois, é abordado o cotidiano boêmio que caracterizou o bairro até meados do século XX e que hoje voltou a ganhar espaço, mesmo que com outras características. O argumento central é que a desarticulação dos territórios negros e o modelo de cidade imposto se relacionam diretamente com o controle das sociabilidades festivas por parte do poder público. Nesse caso, fazer festa e ocupar as ruas ganha um sentido político de reivindicação dos espaços da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade Baixa. Boemia. Carnaval.

ABSTRACT: This article aims to demonstrate how historically Cidade Baixa, a neighborhood in Porto Alegre/RS, constituted itself as a fundamental place of bohemia in the city, passing through samba and carnivals of the 19th and 20th centuries until reaching the current scenario. Firstly, the processes of formation and urban reforms that affected the dynamics of the neighborhood are addressed, especially the territories with a black majority, such as Ilhota and Areal da Baronesa. Then, the bohemian daily life that characterized the neighborhood until the mid-twentieth century and which today has regained space, albeit with other characteristics, is addressed. The central argument is that the disarticulation of black territories and the imposed city model are directly related to the control of festive sociability by the public power. In this case, having party and occupying the streets takes on a political sense of claiming the spaces of the city.

KEYWORDS: Cidade Baixa. Boemia. Carnival.

Introdução

A Cidade Baixa, um dos bairros de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, é a referência principal quando se trata de festas e entretenimento noturno na cidade. Foi lá onde nasceu Lupicínio Rodrigues, onde entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX brilharam os carnavais de rua, e onde hoje existe uma múltipla e multifacetada oferta de bares, restaurantes e casas noturnas. Nas ruas e estabelecimentos do bairro, as práticas cotidianas fazem com que “(...) uma cidade metafórica insinua-se no texto claro da cidade planejada e visível” (DE CERTEAU, 2012, p. 172), apesar das tentativas do poder público de barrar as festas e os encontros que lá acontecem.

Neste texto, meu objetivo é demonstrar como historicamente a Cidade Baixa constituiu-se enquanto lugar fundamental da boemia porto-alegrense, ainda que do século XIX até hoje as características da vida noturna tenham se transformado bastante. A discussão é fruto de uma revisão bibliográfica sobre o tema em diálogo com as entrevistas realizadas com frequentadores atuais da cena noturna para minha dissertação (xxx, 2021). Primeiro, eu apresento os processos formativos do bairro e sua relação com o desenvolvimento urbano de Porto Alegre, destacando as reformas urbanas que culminaram em sua configuração atual, tanto de território quanto de população. Nas últimas décadas do século XIX, o bairro já começa a ganhar a fama de boêmio, lugar de encontros e diversão noturna, de modo que isso também vai ganhando espaço no decorrer do texto. Por fim, discuto os sentidos sociais do fazer festa e, mais do que isso, como a ocupação dos espaços públicos baseada na memória dos lugares pode repercutir em sentidos políticos.

Cidade Baixa: formação e transformações

A fundação de Porto Alegre remete à sesmaria de Jerônimo de Ornelas, português que em 1740 recebeu terras para a criação de gado na região. A povoação intensificou-se alguns anos depois, quando um grupo de casais, conhecidos como “Casais d’El Rei”, desembarcou para povoar as Missões Jesuíticas, no norte do estado, porém acabou permanecendo na região da sesmaria de Ornelas, próxima ao rio Guaíba, já que devido aos acordos diplomáticos entre as coroas ibéricas as Missões Jesuíticas estavam sob posse espanhola. A Freguesia de São Francisco dos Casais foi criada em 1772, levando logo à emancipação desta da Freguesia de Viamão, até então capital da Província de São Pedro. No ano seguinte passou a se chamar Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre, que foi alçada à capital devido à sua posição estratégica, nas margens do Guaíba. A desapropriação da sesmaria de Ornelas foi um marco para os primeiros traços do desenho urbano porto-alegrense, com a demarcação de lotes, ruas e estradas. Além disso, a cidade foi fortificada para evitar investidas estrangeiras, principalmente espanholas, o que era uma estratégia comum na política colonial. Surgiu, assim, uma zona intramuros onde se concentravam as atividades comerciais, bastante diferente das áreas rurais do entorno (ETCHEVERRY, 2007; MONTEIRO, 2006; PESAVENTO, 1991).

A Independência brasileira de Portugal (1822) e o fim da Guerra dos Farrapos (1835-1945) são duas chaves importantes para a complexificação das atividades urbanas em Porto Alegre, em que a noção de progresso é evidenciada como o caminho a ser seguido. A região central de Porto Alegre, intramuros, já se destacava como principal polo econômico da região, sendo ordenada a partir de um código de posturas e pelo asseio público. Fora dos muros, habitavam pessoas de outras estirpe, estigmatizadas como desordeiras pelo imaginário social da época (PESAVENTO, 1991).

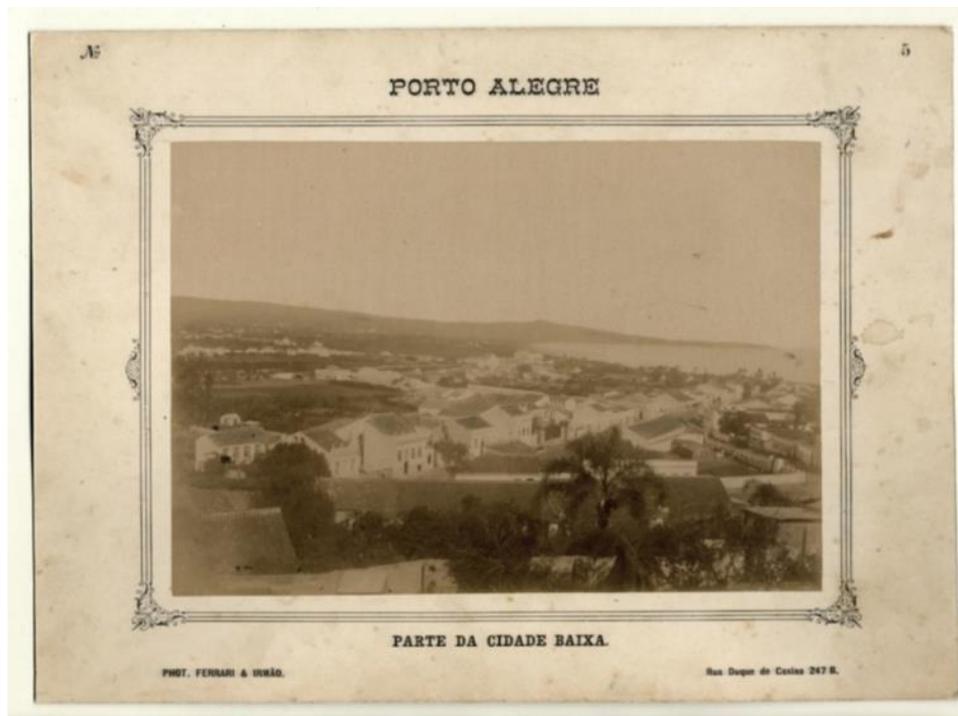
Até meados do século XIX, o núcleo urbano de Porto Alegre desenvolve-se mais intensamente da colina da rua Duque de Caxias, antiga Rua da Igreja, em direção ao rio Guaíba. Do outro lado, na parte mais baixa, crescia outro núcleo populacional, caracterizado pelo cronista Ary Veiga Sanhudo (1975, p. 90):

Era uma vasta região, onde havia algumas casas, que o povo batizara de Cidade-Baixa, para contrastar com a outra parte da cidade lá no alto, polvilhada de residência e já recortada de ruas e becos, que o oficialismo consagrara como a zona urbana da cidade.

De meados do século XIX em diante, o adensamento da malha urbana e o crescimento populacional impulsionaram a expansão dos limites das ruas que já existiam. Porto Alegre ganhava ares de modernidade na medida em que sua planta urbana se diversificava e dava suporte às atividades políticas e econômicas típicas do capitalismo ascendente (Pesavento, 1991). De acordo com Sérgio Franco (2006), já em 1856 a Câmara Municipal encaminhou às autoridades da Província um projeto de arruamento de vasta área da Cidade Baixa, indicando que a cidade crescia para aqueles lados. Antes disso já havia edificações, uma vez que a região era há muito habitada, mas as ruas não tinham sido projetadas formalmente e nem tinham a extensão de hoje.

As fotografias dos irmãos Ferrari, italianos radicados em Porto Alegre, destacam-se no acervo iconográfico que retrata o avanço da urbanização porto-alegrense. Durante o ano de 1886, eles ganharam notoriedade ao venderem um álbum vendido em fascículos cujo intuito era capturar o espírito progressista que rondava a cidade (ETCHEVERRY, 2007). Um dos panoramas escolhidos foi o da Cidade Baixa, de modo que as fotografias tiradas do alto já revelam os indícios da ocupação vertical do bairro:

Figura 1 – Panorama da Cidade Baixa no séc. XIX



Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

No entanto, o adjetivo “Baixa” que compõe o nome do bairro que se formava não diz respeito somente à posição topográfica em relação ao Centro. É importante também considerar o imaginário social sobre as vivências da região, que era fundamentado em certo discurso de moralidade. Nas brechas do controle estatal desenvolvia-se uma cidade informal repleta de becos, ruelas e cortiços, um tipo de cenário comum nos limites entre o núcleo urbano central e o que era considerado Cidade Baixa. Nos jornais da época, era recorrente a associação de tal zona à imundície, à devassidão, ao meretrício, tal como no trecho abaixo:

Ontem, às 8 horas da noite houve grande desordem na Rua da Margem, em uns casebres, entre as ruas da Figueira e Avahy.

Foi o caso que Carlota, Maria Chica, Maria de Norberto e Lucia, todas de má vida, moradoras do Beco do Céu foram em companhia de 2 praças à casa da Rua do Vintém, n.6, agredir à Felipa Maria Luiza, que recebeu um golpe de navalha.

O Sr. Sub-Intendente do 2º Distrito Cherubin Feliciano da Costa compareceu ao lugar do delito, prendeu uma das praças e mandou recolher Felipa ao Hospital da Santa Casa, onde não teve entrada por estar já fechado aquele estabelecimento. (Gazeta da Tarde, 22/045/1895 apud PESAVENTO, 1991)

A abordagem de Sandra Pesavento no livro *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do séc. XIX* (2001), é referência essencial para entender os estigmas que pairavam sobre os moradores da parte baixa da cidade. A autora

demonstra a existência “matriz civilizatória” atuante no desenvolvimento urbano de Porto Alegre. As elites estavam separadas, portanto, daqueles considerados *perigosos, delinquentes, indisciplinados*. À elite branca, enriquecida e culta que habitava a parte alta da cidade estava destinado o estatuto de cidadania, já os outros – marinheiros, prostitutas, soldados, desocupados – eram “excluídos” da normatividade cidadina. A autora utiliza as crônicas dos jornais da época como fonte para analisar as representações pejorativas sobre as pessoas e seus lugares de sociabilidades: contraversão, desordem, sujeira, tumultos e agressões recheavam as páginas dos periódicos. Os lugares malditos – notadamente os becos – eram habitados pelos “selvagens da cidade”, que representavam um obstáculo ao progresso pretendido.

Na mesma linha analítica, a obra de Rosa (2014) coloca em evidência as questões raciais envolvidas na configuração urbana de Porto Alegre no pós-abolição (1884-1918). O autor descreve a Cidade Baixa como lugar habitado por todo tipo de “gentinha”: pobres – entre eles imigrantes europeus que mal falavam o português –, trabalhadores, escravos libertos, descendente de africanos, lavadeiras, soldados, pescadores. Ele argumenta que a convivência entre negros e brancos, mesmo em uma região empobrecida como a Cidade Baixa, era atravessada por hierarquias. Não há registros, por exemplo, de famílias negras que contavam com os serviços de mulheres europeias, quando o contrário era comum. Conforme o autor destaca,

Aí reside um dos aspectos importantes de estudar as relações entre as classes subalternas, pois o amplo leque de relações que tendiam a manter os negros na parte de baixo da sociedade pós-emancipação, em condições inferiores de trabalho e sobrevivência, e que acabavam limitando o exercício da mobilidade social, eram reproduzidas não somente a partir “de cima”, mas também entre os círculos sociais subalternos. (ROSA, 2014, p. 107)

Achylles Porto Alegre era um profundo conhecedor da cidade que carrega até em seu sobrenome. O cotidiano, as ruas, as sociabilidades urbanas eram matéria de sua escrita, evocando jogos de memória com certo lirismo (FRANCO, 1998; MONTEIRO, 2006). Ao tratar da Cidade Baixa, o cronista lembrou da existência de uma região conhecida como “Emboscadas”, delimitada pelas margens do “Riachinho” – córrego do Arroio Dilúvio que acompanhava o terreno do lugar. Havia ali uma extensa faixa de terra e mato que servia de refúgio aos escravos que sofriam de maus tratos e fugiam, muitos deles fixando residência por lá.

Dois lugares da Cidade Baixa merecem destaque como territórios negros: o Areal da Baronesa e a Ilhota (VIEIRA, 2017). Localizada nos limites entre os atuais bairros Cidade Baixa e Menino Deus, o Areal da Baronesa constituiu-se historicamente como lugar de referência para a população negra de Porto Alegre, que foi sendo paulatinamente segregada e expulsa para regiões mais periféricas da cidade. Os dois termos do nome, Areal e Baronesa, revelam as características e a origem do lugar, que era uma “nesga de terra arenosa” e avermelhada (SANHUDO, 1961, p. 186).

Já a Baronesa de Gravataí, como era conhecida Dona Maria Emília da Silva Pereira, tinha na região uma chácara. Na propriedade havia um famoso solar, no qual teriam sido hospedados Dom Pedro II e a esposa Teresa Cristina em 1845. Quando já era viúva, um incêndio devastou o solar e a Baronesa decidiu lotear suas terras para venda, o que foi aprovado em 1879.

A venda das terras intensificou o processo de instalação de moradores em habitações precárias com pouca ou nenhuma infraestrutura para conter os alagamentos constantes na região. Antes do loteamento, segundo conta Achylles de Porto Alegre, os negros escravizados fugidos de seus senhores iam se esconder nos matagais dos arredores e muitas vezes permaneciam por lá. A “gente pobre e desclassificada” que morava na região era heterogênea: escravos fugidos e seus descendentes, escravos libertos e seus descendentes, mas também trabalhadores que eram atraídos pela proximidade com a “cidade alta” e os preços ínfimos dos terrenos (FRANCO, 1998; MONTEIRO, 2006; ROSA, 2014).

No começo do século XX, reformas com o objetivo de dar vazão aos arroios que banhavam a cidade e confluíam para o Dilúvio deram origem a uma “ilha dentro da cidade”, a Ilhota. O Areal Baronesa e a Ilhota formavam uma espécie “cinturão negro” ao redor da região central, onde estavam os principais postos de trabalho disponíveis na época. As habitações precárias de madeira conhecidas como “malocas” eram lugares insalubres de moradia, estando sujeitas a constantes inundações e investidas policiais (BOHRER, 2011; FRANCO, 1998; VIEIRA, 2017).

Hoje, a Cidade Baixa é um bairro atrativo para as camadas médias urbanas, sendo os moradores em sua maioria brancos. De acordo com os dados do último Censo, 92% dos moradores são brancos e os 8% restantes são negros (IBGE, 2010). Nas últimas décadas do século XIX houve “(...) legal e publicamente espaço para uma campanha contra as moradias de pobres no centro da cidade” (PESAVENTO, 2001, p. 122) e que atingiu também a Cidade Baixa. O objetivo era eliminar os problemas sanitários e impor códigos de conduta; contudo, foi no século seguinte que as medidas de controle e transformações urbanas alcançaram maiores dimensões. O perfil atual foi sendo consolidado gradualmente no decorrer das primeiras décadas do século XX a partir de políticas públicas guiadas pela noção de que determinados corpos e formas de viver deveriam ser expulsos dos espaços urbanos centrais. Junto com a ordem burguesa, consolidou-se em Porto Alegre o discurso normativo de uma cidade higienizada, planejada e ordenada.

A administração de José Montauray (1897-1924), de viés positivista, lançou as bases dos Planos Diretores posteriores. O urbanismo francês, baseado no tripé saneamento, circulação e embelezamento, foi a inspiração do Plano Geral de Melhoramentos elaborada pelo engenheiro João Moreira Maciel 1914, que planejava um conjunto de reformas grandiosas. Nas administrações posteriores, de Otávio Rocha (1924-1928) e Alberto Bins (1928-1937), algumas das obras previstas, como a abertura da Avenida Borges de Medeiros, foram concretizadas (SOUZA, 2010). Já José Loureiro da Silva (1937-1943 e 1960-1964) é citado como prefeito que fez Porto Alegre ascender ao estatuto de metrópole, trazendo o “progresso” pretendido à capital gaúcho, que deu adeus ao passado colonial. As grandes obras

realizadas tinham como principal viés o ideal estético de uma cidade moderna: verticalização, avenidas largas, higiene.

A relação com as águas urbanas deve também ser considerada para a compreensão das reformas que transformaram a Cidade Baixa. Burin (2008) enfatiza que o estigma que pairava sobre o bairro era justificado pelas constantes inundações, pela falta de saneamento e pelas condições de vida precárias que derivavam disso. O Arroio Dilúvio, nesse sentido, era entendido como um empecilho ao avanço da urbanização, sendo por isso alvo de uma série de tentativas de controle de seu curso natural. O começo das obras de canalização foi após a enchente de 1941, que impactou a cidade como um todo, contudo, a finalização foi somente na década de 1970.

O estilo arquitetônico da Cidade Baixa passou também por significativas transformações, sobretudo nas principais vias do bairro. O casario de porta e janela de estilo luso-brasileiro era bastante comum na região e imprimiu traços particulares à CB, ao menos até meados do séc. XX (MENEGOTTO, 2020). O Plano Diretor de 1959 repercutiu de forma significativa para o começo do processo de verticalização da CB: para a execução de obras, casas antigas foram demolidas e prédios mais “modernos” foram sendo construídos no lugar.

Uma das reformas que mais impactou o desenho urbano da região foi a abertura da Primeira Perimetral, uma avenida de grande extensão que conecta toda a zona central da cidade. No auge do milagre econômico brasileiro da ditadura militar, as desapropriações e rápidas mudanças urbanas que descaracterizaram a paisagem de áreas antigas da cidade foram facilitadas, já que não havia espaço para contestação (MONTEIRO, 2006). Franco (1998) chamou de “cirurgias urbanísticas” as radicais mudanças pelas quais passou a Cidade Baixa na época, como a demolição de grande parte do lado ímpar da rua João Alfredo para a abertura da Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto.

Com o andamento das reformas urbanas apresentadas, a população negra e pobre da Cidade Baixa, a “gentinha” que a habitava, foi diretamente e indiretamente sendo expulsa para regiões periféricas da cidade. A mais drástica e definitiva redução da população negra do bairro foi na década de 1970, quando a partir do Projeto Renascença a extinção da Ilhota teve êxito, após uma série de tentativas falhas. Nos jornais da época a região era caracterizada como “(...) bolsa de estagnação a seccionar a escalada ao desenvolvimento” (CORREIO DO POVO, 1968 apud SOUZA, 2008), um bolsão de pobreza que se colocava às margens do progresso da cidade planejada. A produção do espaço urbano priorizou a desarticulação dos territórios negros e pobres e não a sua inclusão na malha urbana, de modo que centenas de famílias foram expulsas dos seus lugares de sociabilidade e o total controle sobre o curso do Arroio Dilúvio foi efetivado (BOHRER, 2011). Nas entrelinhas do Projeto estava a valorização imobiliária da região que abrange grande parte dos atuais bairros Menino Deus, Cidade Baixa, Medianeira, Azenha e Praia de Belas (SOUZA, 2008). A Ilhota teve seu fim decretado, pelo menos nos mapas.

Já os moradores do Areal da Baronesa, embora grande parte de seu território tenha sido desarticulado, resistiram de forma que os vizinhos da Ilhota não conseguiram. Em 2015, foi reconhecido o Quilombo do Areal da Baronesa, localizado em uma pequena parcela do antigo território, a Avenida Luís Guaranha, após anos de reivindicação dos moradores remanescentes. Marques (2006) acompanhou esse processo de reivindicação, encontrando nas relações entre os moradores e dos moradores com o Estado uma complexa trama de identidades, territorialidades e conflitos que remetem a um passado ainda pulsante e que dialoga com e através de políticas públicas voltadas para a patrimonialização, tendo a memória coletiva dos modos de habitar e de usufruir o espaço urbano como principal sustentáculo: “A Guaranha, assim, consiste em uma camada de referência, suporte vivo das memórias desse viver urbano” (p. 154)

Um bairro em festa

O ideário da modernidade urbana que pautou o desenvolvimento de Porto Alegre, de acordo com o que procurei mostrar, traz consigo pressupostos de iluminação, de limpeza, de ordenamento e de um rígido controle sobre o cotidiano. Com isso, é na penumbra da noite que residem os indesejáveis, aqueles que devem ser disciplinados, aqueles que perturbam a normatividade das vivências na cidade. Uma análise de como a Cidade Baixa é significada e praticada passa pelo entendimento das práticas da noite e de seu impacto em como o bairro acontece no cotidiano, ou, de acordo com a perspectiva de De Certeau (2012), como ele é praticado.

Rodrigo, um dos frequentadores da Cidade Baixa que entrevistei, assim descreve as atuais dinâmicas noturnas no bairro:

Eu acho que nos últimos cinco anos a CB tomou um uma vida própria, existem pessoas lá frequentes que fazem com que aquele lugar funcione, sabe. Eu não to falando nem de estabelecimentos, mas são pessoas reais, carne e osso, que fazem com que aquele lugar...ahnn...parece que vive uma eterna festa.

O mais notável dos moradores da Ilhota foi Lupicínio Rodrigues, ou Lupi, sambista cujas composições ganharam notoriedade nacional. Frydberg (2007) enfatiza que a obra do artista permanece viva através do tempo, sendo atualizada pelas práticas boêmias que persistem no lugar onde ele se criou e compôs suas músicas. Ela ainda ressalta que as músicas de Lupi são uma importante chave de leitura sobre a cidade e suas práticas sociais. “Ele está construindo uma narrativa sobre a sua cidade e o modo de viver nela, e fazendo do personagem Lupi um cidadão” (p. 63). Nas composições do sambista, são recorrentes as referências ao modo de vida dos moradores, como na letra que segue: “Ilhota, minha favela moderna/ Onde a vida na taberna/ É das melhores que há”. Nascido em 1914, Lupicínio desde cedo conviveu com a música que, assim como a água, era uma constante nos territórios da Cidade Baixa:

Aos 13 anos já se envolvia em música. À noite fugia de casa e ia aos botecos da Ilhota e da Baronesa, onde grandes seresteiros como Bororó (não é meirinho), Vesúvio, Carusinho, Ney Oreste, e outros cantavam canções apaixonadas...(GONZALEZ, 1986, p. 12 apud OLIVEIRA, 1995, p. 52)

Ilhota e Areal da Baronesa eram lugares de condições de vida precárias, porém onde as sociabilidades boêmias ganharam vida em Porto Alegre. Sendo assim, os moradores da região eram assíduos frequentadores das tabernas, cabarés e bares que abundavam pelas ruas. De acordo com Rosa (2008, p. 100): “Os botecos e tavernas da Cidade Baixa, por exemplo, contribuíram para a sua imagem de “lugar de boêmios”, e também para a sua fama de região onde aconteciam constantes desordens”.

A caracterização da Ilhota como reduto boêmio não é exclusividade dos sambas de Lupicínio, aparece em poemas, crônicas e outros gêneros textuais que tratavam do cotidiano citadino. Na obra *Poemas da minha cidade* (1944, p. 89-90), o intelectual Athos Damasceno Ferreira retrata a Ilhota enfatizando sua relação com as águas e com a música:

Esta é a ponte que desemboca nos quilombos.
O riacho barrento, roçando os barrancos,
enlaça nos braços molengos e longos
a ilha crivada de becos
bibocas
baiucas de barro batido...
Veneza? ... Pois sim! ...
Caíques, fingindo de gôndola, atados aos frades de pedra flutuam ...
**Decerto ninguém vai falar de pandeiros,
de flautas,
violões,
cavaquinhos...**
[...]
A cidade não sabe que tem uma ilha,
uma ilha que o riacho barrento e amoroso separa da terra...

No mesmo livro, Damasceno Ferreira (1944, pp. 107-110) – grifos da autora – fala também sobre o cotidiano no Areal da Baronesa, de certa forma argumentando como os instrumentos musicais podem ser e têm sido mecanismos de resistência às dores da escravidão:

Rua dos Pretos Forros

(...)

Aqueles, que um dia sofreram,
encolhem o vulto, ajoelham na terra,
e roçam a face no chão que regaram de suor e de pranto...

Há uma grande saudade chamando na luz das estrelas.
E rompe o batuque,
começa o cucumbe, e

as vozes procuram, envolvem o mundo perdido,
ao bárbaro ruído noturno,
dos congos,
ganzás,
xequerés
e agogôs...

Ambos os poemas frisam arranjos em que a musicalidade serviu como mecanismo de sobrevivência à vida precária, sem saneamento e sem dinheiro enfrentada pelos moradores da Ilhota e do Areal. As festas, os encontros e os samba trazia algo de lúdico e prazeroso necessário ao existir na cidade. Em pesquisa sobre Lupicínio, Oliveira (1995) evidencia o fato de haver entre as famílias laços de solidariedade oriundos das dificuldades enfrentadas e também da origem étnica em comum. Nessa lógica, os ritmos e instrumentos de origem africana ajudavam a fortalecer os vínculos sociais e o sentimento de comunidade entre os moradores. Como destaca Simas (2020), o lidar com o precário e produzir sustento, alegria, cultura e fé na escassez é o tipo de milagre cotidiano que o brasileiro sabe fazer como ninguém. Da violência da escravidão, os porretes viram baquetas dos tambores. Nos morros cariocas, aconteceu fenômeno bastante similar. No Rio de Janeiro ou em Porto Alegre, o samba surge como “porta-voz de um grupo social que vive à margem geográfica e simbólica da sociedade “oficial”, funcionando como vetor de valorização dos habitantes dessas áreas e de suas práticas culturais” (TROTTA; OLIVEIRA, 2015. p. 102).

Apesar da importância e projeção das vivências de Lupicínio, ele foi um entre outros tantos homens e mulheres que tinham a noite como companheira. O cronista Sanhudo (1975, p. 205-206) – grifos da autora – destacou, com certo tom pejorativo, o cotidiano boêmio encontrado no Areal da Baronesa:

Então o nosso Areal da Baronesa tinha uns becos tenebrosos e por lá se perdia a mais excelsa malandragem da nossa cidadezinha adormecida. **Malandragem, cachaça e forrobodó de cuia...** Havia um tal de Beco do Preto, que alguns cronistas dizem que não era do Preto, mas da Preta... **E nesse pedaço do mundo, o mundo se perdia!** E daí por diante, noite e dia, e dia e noite, o estado normal do Areal era a desordem e o deboche! [...] **Agora o Areal está se integrando no dinamismo da cidade e já tem ares de zona de bem!** Pois há muito deixou de ser famigerado para ser famoso.

A crônica de Sanhudo explicita a relação do controle das sociabilidades com o planejamento para a imposição de uma vida cidadina disciplinar. Nesse sentido, Teles (2000) coloca as práticas boêmias como uma válvula de escape à rotina desgastante do trabalho e da ordem capitalista. Quando anoitece, argumenta o autor, o boêmio age guiado pela liberdade, e por isso pode ser visto como alguém indesejável. A origem do termo boemia remonta à sociedade francesa das décadas de 1830 e 1840, uma derivação da palavra *bohémian*, que era utilizada para fazer referência aos ciganos que vinham da província de Boêmia, localizada no leste europeu. De forma similar à andarilha vida cigana, na Paris da época florescer um

movimento artístico, cultural e ético de reuniões e perambulações noturnas em bares, cafés, cervejarias e cabarés, o que era conhecido como boemia. As fronteiras da Boêmia, no entanto, estenderam-se para muito além do contexto parisiense, chegando aos *beatniks*, aos *hippies*, aos *punks* e a todo ímpeto social de apreço pela noite, pela música, pela bebida alcoólica (PEDROSO, 2019).

No Brasil, a boemia encontrou a figura do malandro, do sambista que perambula pelas noites. No caso específico de Porto Alegre, Lupicínio ganhou notoriedade como a personificação dessa figura, como tem sido demonstrado ao longo do texto, para ele “O boêmio, em princípio, é um notívago, depois um poeta, um amoroso, um admirador das serestas, e é realmente um admirador da lua” (RODRIGUES, 1995, p. 25). O samba e o carnaval de rua ganharam terreno na Cidade Baixa como duas expressões diferentes, mas relacionadas, das manifestações culturais associadas à população negra da cidade e ao uso da rua como lugar de encontro, como demarcação do seu modo de existir na cidade. Ambas contribuíram para a construção do imaginário social que relaciona o bairro a festas, ao consumo de álcool, à música e à vida noturna.

Germano (1999, 2008) em suas pesquisas analisa a construção da identidade da comunidade negra de Porto Alegre, sobretudo a partir dos carnavais das décadas de 1930 e 1940, na eclosão do Estado Novo, e quando a presença de cuícas e tamborins ganhou maior força nos territórios de maioria negra, como a Ilhota e o Areal da Baronesa. “O carnaval tornou-se popular, mas a partir de então foi representado e estigmatizado como festa de negros, do ‘outro’, do elemento suspeito e perigoso.” (GERMANO, 2008, p. 115). O carnaval foi mudando de acordo com as transformações que a cidade também passava:

O carnaval em Porto Alegre funde-se com a própria história da cidade. Chegou aqui com o entrudo, trazido entre um dos costumes dos povoadores açorianos no século XVIII. Primeiramente reduzido às famílias patriarcais brancas, o entrudo foi se popularizando no decorrer do século XIX. Em finais do século, quando foi apropriado pelas camadas populares, passou a ser alvo de perseguições policiais e críticas por parte da imprensa, que via no *molhado* entrudo uma *selvageria*, resquícios da *barbárie*, de uma cultura popular *atrasada* e *grosseira* que ainda não havia se *civilizado*. (GERMANO, 2008, p. 80)

Nesse cenário, o “civilizado” carnaval das elites porto-alegrenses, que antes desfilava pelas ruas centrais, foi gradativamente sendo transferido para luxuosos clubes, ao mesmo tempo em que ganhava quantidade e volume as agremiações carnavalescas, blocos e cordões que ressignificavam os elementos da festa a partir das vivências dos trabalhadores, dos descendentes de escravizados e dos pobres. Ao passo que o carnaval de rua ia se popularizando, ganhava outros tons, cores, ritmos e práticas, de modo que:

Nas décadas de 1930 e 40, essa representação de carnaval de rua modificou-se, pois o elemento popular e negro passou a ser associado ao *verdadeiro* representante do carnaval de rua, já que o próprio carnaval passou a ser visto como uma festa do *povo*. (Ibid., p. 85)

Figura 2 – Carnaval de rua na Cidade Baixa - década de 1930



Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

Os preparativos para o carnaval, quando a sonoridade de tambores, pandeiros e chocalhos reinava nas ruas representavam um alívio em relação às extenuantes rotinas de trabalho enfrentadas pelos moradores da Ilhota e do Areal da Baronesa. Existe um senso de comunidade que acontece nos blocos escolas de carnaval e que aciona modos de existir partilhados. Contra a fragmentação do viver urbano, esses espaços são “(...) instituições associativas de invenção, construção, dinamização e manutenção de identidades comunitárias, redefinidas no Brasil a partir da fragmentação que a diáspora negreira impôs” (SIMAS, 2020, p. 32).

Rosa (2008) demonstra como nos discursos da imprensa o carnaval de rua foi alvo de estigmas com teor racista e classista. Existia, então, certa fronteira moral e simbólica que separava negros e brancos, o carnaval das ruas e o dos clubes, de certa forma hierarquizando más e boas práticas. Conforme enfatizam Krawczyk, Germano e Possamai (1992), estudar o carnaval de Porto Alegre é também estudar os movimentos que produzem a cidade e os sujeitos neles envolvidos, sendo por isso é fundamental para entender as diferentes nuances da cultura popular e suas expressões no espaço público. O argumento aqui é que há um evidente contraponto entre a Cidade Baixa que vinha sendo planejada, pautada pela ordem, disciplina e progresso e as práticas boêmias que caracterizavam o lugar, de modo que as reformas urbanas anteriormente abordadas congruem para a desagregação parcial dessas formas de sociabilidade.

Com isso, na segunda metade do século a boêmia que se concentrava na Cidade Baixa foi perdendo fôlego e chegou a outros lugares da cidade, como o bairro Bom Fim, onde das décadas de 1960 a 1980 efervesceu uma importante cena punk.

A permanência de centenas e centenas de jovens nas ruas e bares da região, assim já tinha acontecido na Cidade Baixa, foi duramente reprimida pelo poder público (PEDROSO, 2019). Os planejadores urbanos e políticos sabem da potência criativa que vem das ruas, e é isso que desejam manter sob rígido controle. Os sujeitos ordinários, aqueles que vivem seu cotidiano na cidade, a seu modo também sabem o potencial que tem a dimensão coletiva que dos encontros, das festas, do carnaval. De Certeau (2012, p. 57), nesse sentido, refuta a suposta passividade dos sujeitos do mundo, definindo-os como “poetas dos seus próprios assuntos, desbravadores nas selvas da racionalidade funcionalista”.

O sociólogo Maffesoli (2004), por sua vez, entende os lugares de entretenimento como condutores de trocas, de partilhas, do estar-com, estando por isso associados a dimensões afetivas e subjetivas: “As pessoas se reúnem, reconhecem umas às outras e, com isso, conhecem a si mesmas” (p. 58). Para ele, as reuniões propiciadas por estabelecimentos como bares, por exemplo, podem ser entendidas como meio de circulação das expressões culturais de dada sociedade. O caso da Cidade Baixa é partic

Nos anos 1990, depois de cerca de três décadas sem movimentações noturnas expressivas, a Cidade Baixa voltou a atrair o público boêmio. Jardim (1991) realizou etnografia no começo da década em botecos do bairro, pequenos bares frequentados quase que exclusivamente por homens, e por isso sendo lugar onde as masculinidades são construídas e compartilhadas. Nesse contexto, os botecos tinham funcionamento sobretudo vespertino e serviam como lugar intermediário entre o ambiente doméstico e o de trabalho. A pesquisa de Jardim, no entanto, foi realizada pouquíssimo tempo antes de haver um *boom* boêmio que fez da Cidade Baixa novamente o epicentro da vida noturna de Porto Alegre, fazendo também com que os botecos do tipo descrito pela autora perdessem a relevância que tinham. O jornalista Renato Mendonça (2014 apud Fonseca, 2006), em texto publicado na Zero Hora, descreveu seu entendimento sobre os fluxos da noite entre o Bom Fim e a Cidade Baixa:

A partir dos anos 90, observou-se uma imensa migração para a Cidade Baixa, bairro com uma certa tradição boêmia. Tendo a presença do Guion (cinemas e bares) e do Opinião (casa de shows) como macro-atratores, ocorreu uma proliferação de bares alternativos e junto com estes de “pessoas alternativas”, que abandonam um pouco a política para assistir a filmes cult, beber e filosofar.

O movimento de retorno à Cidade Baixa começou anos 90, mas foi só nos anos 2000 que, de fato, o bairro reassumiu seu posto de boêmio, atraindo não só sambistas, mas todo tipo de gente que busque entretenimento noturno:

Assim, na virada do milênio, a Cidade Baixa sofre o boom boêmio: uma explosão de bares que se disseminam quase que “viroticamente”; uma “epidemia”. De todos os tamanhos, gêneros

musicais e estilos de público, que povoam seu território e espalham a “Baixa Boemia”. (REIS, 2018 p. 154)

Se em outros tempos a boemia na Cidade Baixa foi o porto seguro de Lupicínio e seus pares, homens que perambulavam pelas ruas e bares em busca dos prazeres da noite, ela se atualizou e ganhou público mais amplo, hoje reacendendo debates sobre condutas noturnas e suas relações com o espaço público. Há um bar temático que faz homenagem ao personagem *Harry Potter*, outro baseado na obra do diretor *Quentin Tarantino* e outro que faz referência ao universo das *drag queens*. Há estabelecimentos que vendem cerveja barata e outros que comercializam só cerveja produzidas localmente. Quanto à música, há na Cidade Baixa tantas opções quanto se pode imaginar: samba, rock, funk, reggae, pop, jazz ou reggaeton.

Apesar da importância dessa retomada dos bares e casas noturnas para o entendimento da Cidade Baixa como o lugar onde reside a tradição boêmia porto-alegrense, é preciso destacar um fenômeno ainda mais recente: o uso das ruas como lugar de festa. Desde 2018, multidões de jovens têm tomado as vias do bairro para dançar, beber, encontrar pessoas, mas sobretudo marcar sua presença na cidade, como que gritando: “A Cidade Baixa também é nossa!”. Os bares e outros estabelecimentos muitas vezes não são acessíveis aos jovens que vão de outros bairros para lá, de modo que acabam permanecendo nas ruas. Além das pessoas nas ruas, a presença de viaturas e ofensivas policiais é uma constante. Há nesse tipo de experiência um certo nomadismo interno ao bairro que lembra a primeira definição de boêmia, que veio das ruas de Paris. Em entrevista, Fernando me relatou a dinâmica de uma noite nas ruas da Cidade Baixa:

Uma fortuna de dinheiro pra tá ali dentro pra sair às 5 da manhã, enquanto que você na rua é como se você estivesse sempre se movimentando de lugar pra lugar, sai do Vila pro Speed, do Speed vai pra Sônia, da Sônia vai pra, sei lá, tem um itinerário completo e você às vezes não paga nada, então só por isso eu acho que já é, já é um ponto central pra mim, tá ligado?

Os deslocamentos pelas ruas da Cidade são normalmente ritmados pelas caixas de som carregadas por esses jovens, nas quais o funk é preponderante. Se antes o samba carregava o estigma de sua origem social, muitas vezes sendo vinculado à vadiagem e à desordem, hoje ocorre fenômeno semelhante com o funk. Considerando o cenário aqui abordado, “baixeza” do bairro – sua população pobre e negra – foi expulsa para as periferias de Porto Alegre, mas apesar disso esses corpos indesejados voltam a ocupar o lugar por meio de suas festas. A intolerância quanto ao funk e as sociabilidades a ele relacionadas são uma expressão dos sucessivos esforços para a imposição de uma forma única de praticar o bairro, aquela em que seu status de bairro de classe média branco, ordenado e higienizado é mantido ileso.

Além disso, há uma recente retomada dos blocos de carnaval, não com composições ou grupos antes existentes, mas sim com novos sujeitos reavivando a tradição do bairro. As práticas dos foliões elaboram suas próprias “maneiras de fazer” (DE CERTEAU, 2012) carnaval, ocupando o bairro como um todo e fazendo

reverberar nas ruas a tradição carnavalesca da Ilhota e do Areal da Baronesa. Como tradição, as práticas ligadas ao carnaval simbolizam a presença negra nos lugares centrais, afirmam raízes e alçam a experiência urbana ao plano dos sentidos coletivos (SIMAS, 2020). É, no entanto, interessante pensar como essas tradições religiosas não são constantes, mas sim vão se transformando junto com o que ocorre no mundo, formulando híbridos e estabelecendo novos arranjos. O primeiro bloco a se articular foi um com o sugestivo nome de Maria do Bairro:

Ao que tudo indica iniciada em 2007 pelo bloco Maria do Bairro, a retomada de movimentações e festividades carnavalescas na Cidade Baixa cresceu gradativamente e de forma pulverizada. Diferentes movimentos, geridos de maneira autônoma e desvinculada entre si, começaram a pipocar a cada ano, colorindo e agitando as ruas desse bairro. (MAGALHÃES, 2016, p. 115-116)

Entre os muitos blocos, merece destaque a iniciativa do Areal do Futuro, um bloco de carnaval e projeto cultural da comunidade do quilombo do Areal da Baronesa. Eles assumiram e tem propagado a ideia de que a Cidade Baixa é o berço do samba. Ocupando as ruas do bairro para realizar ensaios abertos periódicos, o bloco faz a tradição carnavalesca se manter e atualizar pelas mãos e batucadas das crianças, que são o principal público alvo. O toque dos tambores e agogôs faz ecoar a presença negra naquele território, colocando o carnaval dentro do espectro político de reivindicação dos espaços da cidade por meio da festa.

Conclusão

No passado e no presente, a Cidade Baixa tem sido um bairro em festa, onde as ruas são dotadas de significados políticos, servindo como suporte para práticas que acionam noções de pertencimento. Conforme demonstrado no texto, o bairro passou por uma série de reformas urbanas que culminaram na desarticulação de grande parte dos territórios negros que nele existiam, assim também afetando a vida boêmia. Como tudo que tem vida, no entanto, a boemia voltou a se articular no bairro, ganhando outras características e dimensões. Meu argumento aqui é que aquilo que parece banal, como beber na rua ou encontrar com amigos ou paqueras, pode estar revestido de sentidos políticos de reivindicação da cidade para si.

No caso específico do carnaval, ele encontrou outras formas de existir e de resistir na Cidade Baixa, adaptou-se, assumiu outros arranjos, e vem ocupando seus espaços nas dinâmicas do bairro, o que aponta para um fazer coletivo forjado na resistência cultural e na manutenção dos modos de existir na cidade.

Referências:

BOHRER, Felipe Rodrigues. Breves considerações sobre os territórios negros urbanos de Porto Alegre na pós-abolição. *Iluminuras*, Porto Alegre, v.12, n. 29, p. 121-152, jul./dez. 2011

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2012.

ETCHEVERRY, Carolina Martins. *Visões de Porto Alegre nas fotografias dos irmãos Ferrari (c.1888) e de Virgílio Calegari (c.1912)*. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

GERMANO, Íris. Carnavais de Porto Alegre, etnicidades e territorialidades negras no sul do Brasil. In: SILVA, Gilberto Ferreira da. SANTOS, José Antônio; CARNEIRO, Luis Carlos da Cunha. *RS Negro. Cartografias sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 100-119, 2008.

_____. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 1940*. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

JARDIM, Denise Fagundes. *De bar em bar: identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares*. 1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991

KRAWCZYK, Flávio; GERMANO, Iris; POSSAMAI, Zita. *Carnavais de Porto Alegre*. Cadernos do Museu I. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

MAFFESOLI, Michel. (2004). *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Atlântica.

MAGALHÃES, Gutcha Ramil. *“Fica cada vez mais difícil manter a essência” Reflexões sobre políticas sonoras e (re)existências do samba na Cidade Baixa, Porto Alegre/RS*. 2016. (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

MARQUES, Olavo Ramalho. *Entre a Avenida Luís Guaranha e o Quilombo do Areal. Estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre/RS*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MENEGOTTO, Renato Gilberto Gama. *Cidade Baixa: um bairro que contém seu passado*. Porto Alegre: Ed. Marca Visual, 2020.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade*. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2006.

PEDROSO, Lucio Fernandes. *História de um Bom Fim – boemia e transgressão de um bairro maldito*. Porto Alegre, Edição do autor, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Memória Porto Alegre – espaços e vivências*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1991.

_____. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

REIS, Vanessi. *Da baixa boemia à baixa cidade: limites do bairro Cidade Baixa no imaginário urbano de Porto Alegre*. 2018. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

RODRIGUES, Lupicínio. *Foi Assim: O cronista Lupicínio conta as histórias das suas músicas*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. *Quando Vargas caiu no samba: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940*. 2008, 227 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

_____. *Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre no pós-abolição (1884-1918)*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 332 p., 2014.

SANHUDO, Ary Veiga. *Porto Alegre: Crônicas da Minha Cidade*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1975.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SOUZA, Anita Silva de. *Projeto Renascença: um caso de gentrificação em Porto Alegre na década de 1970*. 2008. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

TROTTA, Felipe da Costa; OLIVEIRA, Luciana Xavier de. O subúrbio feliz do pagode carioca. *Intercom – RBCC*, São Paulo, v.38, n.2, jul./dez. 2015, p. 99-118.

VIEIRA, Daniele Machado. *Territórios Negros em Porto Alegre (1800-1970): Geografia histórica da presença negra no espaço urbano*. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.